REBESCOLAR
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
ISSN 2763-7603 - Publicação Online

APOSTANDO EM ENCONTROS: ENTRECRUZAMENTOS ENTRE AS PESQUISAS DE JUDITH BUTLER E A EDUCAÇÃO FÍSICA CULTURAL

Aline Santos do Nascimento[7]
Cyndel Nunes Augusto[8]

RESUMO

O presente artigo propõe, a partir dos conceitos de performatividade, reconhecimento, cena e aparição pública, desenvolvidos nas obras de Judith Butler, uma reconfiguração da ideia de situações didáticas presentes nas tematizações e nas pesquisas da Educação Física cultural. Para tanto, confronta os referenciais teóricos supracitados, de maneira a pensar as potencialidades e possibilidades das cenas didáticas para a produção de outros enquadramentos, partindo das alianças e da condição precária dos sujeitos, implodindo os sentidos de corpos produzidos e compulsoriamente generificados, regulados e normatizados.
Palavras-chave: currículo cultural; Educação Física; Judith Butler; gênero.

ABSTRACT

Based on the concepts of performativity, recognition, scene and public appearance, developed in the works of Judith Butler, this article proposes a reconfiguration of the idea of didactic situations present in thematizations and researches of cultural Physical Education. Therefore, it confronts the theoretical references mentioned above, in order to think about the potentials and possibilities of didactic scenes for the production of other frameworks, starting from the alliances and the precarious condition of the subjects, imploding the meanings of bodies produced and compulsorily gendered, regulated and standardized.
Keywords: cultural curriculum; Physical Education; Judith Butler; gender.

CENA 1- PRIMEIROS PASSOS

As produções sobre os currículos culturais da Educação Física têm se intensificado desde o momento de sua proposição em 2004, no seio do Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (GPEF-FEUSP)[9], com orientação dos professores Marcos Garcia Neira e Mário Luiz Ferrari Nunes. Exatamente por essa intensificação e mutação ao longo dos anos, não queremos incorrer na construção textual no singular, mas sim no plural, para que já de entrada seja possível perceber que não se trata de uma única forma de tecer esse currículo, mas muitas, que surgem no encontro dos corpos-docentes, corpos-discentes,

[7] Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Licenciada e Bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro - UNIÍTALO. Pedagoga pela Universidade Cidade de São Paulo - UNICID. Professora da rede municipal de São Paulo. Membro do grupo de pesquisas de Educação Física escolar FE-USP/CNPq.

[8] Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Graduada em Pedagogia pela mesma faculdade. Pedagoga em atuação na rede particular. Desenvolveu iniciação científica na área de gênero e sexualidade nas políticas públicas de educação, por dois anos, com bolsa CNPq e FEUSP. Membro do grupo de pesquisas de Educação Física escolar FE-USP/CNPq.

[9] Para mais informações, acessar www.gpef.fe.usp.br. Como parte das importantes contribuições do grupo, todas as produções, sejam em formato fílmico, artigos, livros ou capítulos, dissertações, teses, reuniões, dentre tantas outras, são organizadas e publicadas no site, a fim de facilitar o encontro dos/as leitores/as com o material produzido.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

comunidade escolar, arquitetura das escolas e documentos oficiais. Desde então, o grupo, composto por docentes que desenvolvem experiências didáticas e investigações que abarcam a Educação Básica e o Ensino Superior, tem por objetivo colaborar com a produção científica da área, organizando e compartilhando esses conhecimentos produzidos nas próprias trajetórias e fazeres docentes e em diálogo com diferentes perspectivas políticas, pedagógicas e epistemológicas, nas quais se destacam os estudos culturais, multiculturalismo crítico e teorias pós-críticas.

Nessas veredas, a trajetória do grupo e das pesquisas desenvolvidas foram criando novas ramificações, expandindo os assuntos investigados, de maneira que os estudos de gênero, feministas e a Teoria Queer, dentre outros, foram ganhando espaço. Mesmo que autoras/es destes estudos não aparecessem nas pesquisas antes realizadas pelo grupo ou surgissem de maneira singela, o professorado, sensível às diferenças como condição de existência, trabalhava problematizando e produzindo situações didáticas a fim de fissurar determinadas produções corpo-generificadas, estereótipos e preconceitos. Tendo em vista que os currículos culturais da Educação Física se fazem na e a partir das práticas das professoras e professores, dos fazeres cotidianos neste encontro de corpos-docente e corpos-discente, nas inúmeras (re)construções das práticas corporais, o professorado se deparava e ainda se depara cotidianamente com as tensões e disputas acerca dessa produção prostético-corporal-generificada, pois mesmo a Educação Física se encontrando na área das Linguagens, o viés biológico, que produz estes corpos-narrativa, ainda predomina não só nas pesquisas, mas também no imaginário docente[10]. Reconhecendo a escola como um dos diversos espaços sociais de produção de conhecimento e subjetividades, corroboramos com os argumentos de Silva (2011) e Oliveira e Neira (2020) para o entendimento do currículo como um dispositivo que projeta verdades e constrói estratégias que tentam capturar sujeitos travando lutas em torno da significação. Em outras palavras, não há receita, método, tampouco etapas a serem seguidas, os currículos culturais de Educação Física são aquilo que vem sendo feito e produzido… uma aposta.

Saltam aos olhos, a partir do vasto repertório de conhecimentos produzidos por docentes e pesquisadoras/es simpáticas/os à Educação Física cultural, o compromisso em potencializar espaços educativos, seja na educação básica ou superior, que proporcionem às crianças, jovens, adultos/as e idosos/as a possibilidade de experiências formativas de leitura da ocorrência social das práticas corporais e sua ressignificação em diálogo com o contexto escolar/universitário.

> Por meio da leitura, os estudantes analisam, sob diversos ângulos, o formato, regras, técnicas, táticas, participantes, recursos necessários, ambiente, posição que ocupa no tecido social, discursos disseminados a seu respeito, como é representada pelos praticantes e por outros grupos, etc. Ou seja, a infinidade de aspectos passíveis de leitura remete à problematização da existência cotidiana daquela prática corporal, sendo necessário valer-se de outras áreas do conhecimento para adquirir uma noção da complexidade das relações sociais que envolvem as vivências (NEIRA, 2019, p. 63).

[10] Vide o desconforto causado quando docentes utilizam ambientes que não a quadra e/ou produzem cenas didáticas para além das vivências práticas.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

Enquanto textos da cultura, as práticas corporais são produzidas pela gestualidade e discursos não verbais, tornando-se passíveis a inúmeras significações, (re)apropriações e transformações. Imersas em relações de poder de uma sociedade altamente globalizada, multicultural e profundamente desigual, por vezes, as representações produzidas no interior das danças, lutas, ginásticas, brincadeiras e esportes servem para controlar e normatizar os corpos, desejos e anseios de suas/seus praticantes a partir de uma lógica que impede a circulação e o reconhecimento de conhecimentos advindos de subjetividades e gramáticas corporais contra-normativas, quais sejam, mulheres, negras/os, indígenas, LGBTQIA+, juventude periférica, crianças, idosas/os, pessoas com deficiência, entre outras que não compactuam com as performances estilizadas das heteronormatividades sociais. A Educação Física cultural, porém, vem sendo produzida enquanto lugar onde as diferenças não são respeitadas nem toleradas, mas emergem como condição de existência, se materializam nas práticas docentes a partir dos signos evocados para compor as tematizações, onde não se fecha os olhos para as violências e disputas presentes nas aulas, mas sim parte-se desses sinais para planejar situações didáticas[11] que colaborem com a desconstrução e fissura de supostas verdades. A produção de uma pedagogia engajada (DUARTE; NEIRA, 2020).

Mais recentemente, após aproximação das pesquisas queer e de gênero com os currículos culturais da Educação Física, a partir das dissertações em andamento de Cyndel Nunes Augusto (2021) e Aline Santos do Nascimento (2021), que se utilizam desse referencial teórico, as produções de Judith Butler cruzaram os caminhos da Educação Física cultural, de modo que algumas perguntas foram surgindo a partir desses encontros: como as ideias de performatividade, reconhecimento, cenas e aparição pública, presentes nas obras de Judith Butler, podem potencializar as práticas pedagógicas do professorado que intenciona confrontar a produção de lógicas binárias e normativas que intentam manter a regulação e controle de corpos, desejos e anseios? Quais instabilidades e possibilidades de rematerialização podem surgir do encontro dos princípios ético-políticos dos currículos culturais, que agenciam o professorado em seu fazer docente, com as provocações de Judith Butler? Em que as situações didáticas, que vêm sendo produzidas pelo professorado, podem colaborar com a possibilidade de fissura ou rompimento da consolidação do imperativo heterossexual? Perguntas para as quais não há pretensão de resposta fechada. A escola é uma instituição viva, onde o movimento é constante e intermitente. Não há possibilidade de cartilhas com respostas únicas para os questionamentos que emergem dela e do seu cotidiano. As relações se estabelecem a partir da complexidade, não sendo possível prever o que surgirá a partir delas, nem como irão se configurar em diferentes espaços, com diferentes sujeitos, que vêm de diferentes vivências e com diferentes histórias e subjetividades.

Assim, a aposta do presente texto é bugar a noção de situações didáticas para reconfigurá-la como cenas didáticas, abrindo caminhos para o acoplamento de novas próteses curriculares (AUGUSTO; NEIRA, 2021), ou seja, pensar no que é possível quando os currículos culturais de Educação Física cruzam com as noções butlerianas de performatividade, reconhecimento, cena e aparição pública.

[11] Mapeamento, leitura da prática corporal, vivências, ressignificação, aprofundamento, ampliação, registro e avaliação.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

CENA 2 - O ENCONTRO COM JUDITH BUTLER

A teoria da performatividade atravessa toda a obra de Judith Butler e, de maneira rápida, podemos compreendê-la como atos linguísticos, de gêneros e/ou corporais que, ao serem enunciados, produzem uma realidade que até então não existia. Ou seja, a performatividade atua nesse mecanismo de repetição, citação e iterabilidade. Segundo Butler (2019, p. 213), "a performatividade não é, assim, um "ato" singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas". Quando corpos performam gestos estilizados de maneira ritualizada, uma vez e de novo, produzem certos efeitos na realidade. Esses efeitos podem ser normativos e alinhados às heteronormatividades sociais ou contra-normativos, enquanto potência de fuga, desvio, transgressões, de modo que seja possível produzir/criar outras inteligibilidades/realidades para a sociedade. Em outras palavras, a performatividade é um conceito vivo e orgânico de repetição, captura e transformação a todo momento. Se o corpo é um equipamento de explicitação, tornar público é um ato fundamental para se constituir reconhecimento. Da mobilização das relações, dessa aparição em aliança, com o Outro necessariamente, o sujeito vai se constituindo a partir dessas cenas e tecnologias de exercício constante de exterioridade.

> Embora venhamos ao mundo em meio a normas obrigatórias, elas nem sempre nos ordenam e nem sempre emergimos da imagem do que é esperado pelos significantes “homem” e “mulher”. Quando dizemos que o gênero é provocado por normas obrigatórias que nos demandam sermos um gênero ou outro (geralmente dentro de um quadro estritamente binário), estamos apenas dizendo que qualquer negociação com o gênero é uma negociação de poder. Não existe um gênero ontologicamente fixo, e mesmo aqueles que parecem fixos, têm de ser fixados mais de uma vez, todos os dias, todas as noites, para dizer o mínimo. Assim, sugiro que não há gênero sem essa reprodução de normas que corre o risco de desfazer e refazer as normas dominantes de maneiras inesperadas, abrindo a possibilidade de refazer a realidade de gênero diante de novas linhas. Deste modo, o gênero é contínuo, aberto à revisão, em risco para um futuro diferente. Isso faz a diferença quando consideramos quais intervenções podemos fazer para o futuro do gênero (BUTLER, 2017, págs. 37 e 38).

Seguindo na esteira da fluidez, constância e fuga de um pressuposto ontológico, os escritos de Butler nos cutucam a pensar novamente na questão do reconhecimento. Apesar do conceito ser perigoso, no sentido de que, em uma leitura rápida, pode-se incorrer na compreensão desse conceito como identificação, Butler escapa do fantasma hegeliano, que acompanha sua obra, para pensar a questão do reconhecimento no campo social. O reconhecimento que produz inteligibilidade na vida social. É o sentido da performatividade que se estabelece nessa operação social do reconhecimento, que é um conjunto de cenas e tecnologias que permitem a iterabilidade e a citacionalidade desse corpo, que permitem que na relação e nas alianças esse corpo seja citado, reproduzido, reconfigurado. Butler se dedica a pensar quem pode ou não ser reconhecido como vida vivível e, portanto, quem pode ou não ser reconhecido como objeto de cuidado, amparo, apoio

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

e políticas públicas, e quais seriam os corpos tidos como matáveis - "estas são algumas das questões que as alianças *queer* devem continuar a se perguntar: Como a população indizível fala e faz suas reivindicações? Que tipo de perturbação é esta dentro do campo de poder? E como essas populações podem reivindicar o que elas exigem para persistir?" (BUTLER, 2017, p. 45). O mais intrigante em seu arcabouço teórico é essa força ininterrupta em produzir condições/cenas que potencializam criação de outras inteligibilidades sociais, que não aquelas fixas produzidas no campo da ontologia, uma teoria do *ser*.

> O problema não é apenas saber como incluir mais pessoas nas normas existentes, mas sim considerar como as normas existentes atribuem reconhecimento de forma diferenciada. Que novas normas são possíveis e como são forjadas? O que poderia ser feito para produzir um conjunto de condições mais igualitário da condição de ser reconhecido? Em outras palavras, o que poderia ser feito para mudar os próprios termos da condição de ser reconhecido a fim de produzir resultados mais radicalmente democráticos? (BUTLER, 2017, p. 20).

Para que um corpo que venha ao mundo seja entendido como humano, ele precisa passar por um protocolo que é visual, político e linguístico de reconhecimento. Esse exercício é um enorme aparato de ficção e um teatro político, que forja determinados corpos nessas relações. O reconhecimento caracteriza um ato, uma prática ou mesmo uma cena entre sujeitos, mas as "condições de ser reconhecido" são estabelecidas pelas normas regulatórias que atuam na tentativa de modelar os sujeitos para o reconhecimento, embora não sem falibilidade ou, na verdade, resultados não previstos. Aqui nos deparamos com um outro conceito importante de Butler: a cena. O reconhecimento precisa de uma cena e é nessa cena que alguém reconhece e é por outro alguém reconhecido. Antes, ponderamos que poder, sujeito, público e espaço público nas argumentações butlerianas não são condições pré-discursivas, ou seja, se produzem em ação. É na iteração entre os sujeitos dentro de uma cena, uma vez e de novo, que faz com que o reconhecimento social seja possível ou não. São cenas públicas, iterativas, performativas, de constante produção, fissuras, borras, deslocamentos, fixações, fugas e capturas. As representações vão sendo, assim, (re)construídas a todo o tempo, num fluxo contínuo sem qualquer certeza. Impulsos. Desejos. Incertezas. Afectos.

Na argumentação decorrente da leitura das obras de Butler, a representação da alteridade constitui-se dentro de uma dialética que o tempo todo está produzindo humanização/desumanização. Se em todos os aparatos sociais de reconhecimento o corpo vivo não é reconhecido como humano, ele está submetido a um conjunto de técnicas de morte. Nessa cena do reconhecimento, o exercício que se produz é, de um lado, a humanização de um corpo cuja a vida é reconhecida e protegida, e de outro, um corpo que precisa ser desumanizado para que seja descartado. Daí a importância de pensar a abjeção como esse retorno radicalmente crítico à produção das desigualdades (não aquela ideia ontológica pré-discursiva de um resto constitutivo do ser), mas também como alicerce para corpos em aliança a partir dessa radical precariedade.

No interior das cenas, o combustível propulsor das condições de reconhecimento se depara com as normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos pelos quais os sujeitos são reconhecidos. Em outras palavras, é preciso pensar em como a performatividade atua no interior

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

das normas transmutando-as, criando próteses para que outras gramáticas corporais e estéticas de existência possam ser amparadas. Por isso a questão do reconhecimento aparece cada vez mais com a questão da abjeção. As condições pelas quais um corpo é reconhecido como importante devem ser entendidas, pois a partir da desigual distribuição da precariedade (para vivermos precisamos de outras vidas, nossos corpos só existem em relação à outros corpos, mas há uma distribuição desigual da precariedade, ou seja, algumas vidas são mais precárias que outras), essas vidas se tornam vidas não passíveis de luto. Esse gesto se debruça menos pela demanda de aceitação ou assimilação cultural e foca mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas. É um agir ético-político-estético que propicia existência, persistência e atuação pública. Nas palavras de Butler (2018, p. 65):

> A precariedade é a rúbrica que une as mulheres, os *queers*, as pessoas transgêneras, os pobres, aqueles com habilidades diferenciadas, os apátridas, mas também as minorias raciais e religiosas: é uma condição social e econômica, mas não uma identidade (na verdade, ela atravessa essas categorias e produz alianças potenciais entre aqueles que não reconhecem que pertencem uns aos outros).

O que nos move é assumir que no tempo do agora compartilhamos de certos significados e representações para que possamos nos comunicar. Matéria e ação, sem saber qual será a maquinaria utilizada para o amanhã. Por hora, a estratégia contra-normativa tem sido conhecer as estruturas e por dentro delas pensar em sabotagens possíveis. E se as "normas como condições de ser reconhecido preparam o caminho para o reconhecimento, os esquemas de inteligibilidade condicionam e produzem normas" (BUTLER, 2017, p. 21), que então possamos nos permitir ser tocadas/os por essa estranha vibração no campo das inteligibilidades sociais heteronormativas que produzem novos enquadramentos e possibilidades de reconhecimento.

Pensar coalizões a partir dessa intensa e radical precariedade dos sujeitos pode abrir espaço para novas apostas. A precariedade é tanto universal quanto induzida. Universal, pois somos seres relacionais, dependemos uns dos outros, das coisas, do meio que nos cerca, pois há a incontestável finitude da vida para todos/as. Mas há a precariedade que é induzida pelo racismo e machismo de Estado, pela biopolítica, pelo biopoder, pela necropolítica. A precariedade induzida é distribuída desigualmente, na produção de corpos matáveis e corpos dignos de vida, na produção radical da abjeção como constructo de um corpo que não só pode, mas merece morrer, merece ter a violência marcada na pele. Quando um corpo vai às ruas, desnudando essa precarização, expondo suas fragilidades e se colocando à disposição dos movimentos de aliança, de coalizão, de coexistência no cuidado e no zelo, as políticas das ruas se transformam no desnudamento dessa construção ficcional de quais corpos são passíveis de luto ou não. O que podem esses corpos quando se encontram? Seja a partir das fragilidades, da precariedade, mas reformulando essas violências?

> Os corpos em assembleia "dizem": "nós não somos descartáveis", não importando que estejam ou não usando palavras no momento; o que eles dizem, por assim dizer, é "ainda estamos aqui, persistindo, reivindicando mais justiça, uma libertação da precariedade, a possibilidade de uma vida que possa ser vivida" (BUTLER, 2018, p. 32).

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

E se é na intensa precarização dos corpos que eles se tornam abjetos, é essa própria abjeção que também permite a criação das alianças. É no encontro de corpos tidos como descartáveis que as mãos se unem, materializando a união que visa a reconfiguração da vida, a criação de formas outras de viver, mais solidárias, baseadas no cuidado, no zelo, na parceria. E se é nas alianças que surgem formas outras de vida, o que pode a aliança entre a Educação Física cultural quando afetada por esses conceitos butlerianos? Quais cenas didáticas surgem desses corpos em aliança?

CENA 3 - NOVAS PRÓTESES CURRICULARES: PENSANDO AS CENAS DIDÁTICAS

A aposta deste ensaio se debruça em pensar na possibilidade de transmutação das situações didáticas para reconfigurá-las como cenas didáticas. Uma prótese curricular. E por que esse interesse? No início, apresentamos como os currículos culturais vão sendo tecidos diariamente no chão da escola por docentes que, simpáticas/os às suas concepções curriculares e pedagógicas, se imcubem da tarefa árdua de produzir um currículo vivo, novo a cada dia, sensível e que não tem nenhuma intenção de ser replicado. Ele se faz naquele momento *com* e não *para* os sujeitos envolvidos no processo, depois ele vira outra coisa, talvez a memória de um tempo vivido. Além dessa questão rizomática que propulsiona o desenhar das tematizações, as/os docentes engajados em suas leituras e pesquisas se permitem arriscar, ou melhor, trilhar caminhos impensáveis ao lado de suas leituras e reflexões sobre o que vem sendo feito. Isso acontece agora conosco. Agenciadas pelos afectos produzidos no encontro com a filosofia butleriana e cientes da importância de contribuir com o currículo cultural de Educação Física e sua epistemologia, apostamos nos conceitos de performatividade e reconhecimento, para então propor iniciarmos uma nova conversa. Seria a filosofia butleriana e o conceito de reconhecimento o ato performativo no currículo cultural de Educação Física, capaz de produzir a reelaboração do termo "situações didáticas" para "cenas didáticas"?

> As situações didáticas merecem um olhar atento, especialmente quanto às relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos e entre eles e os conhecimentos abordados. Com frequência, os questionamentos, interesses e conflitos anotados pelos docentes assinalam a necessidade de replanejar as próximas atividades (NEIRA, 2018, p. 75).

Partindo desse olhar atento às situações didáticas, entendemos que, como um currículo vivo, os termos, as alianças epistemológicas e as proposições de novas reflexões sobre a Educação Física culturalmente orientada se fazem o tempo todo. As/Os artistas curriculares se dispõem a pesquisar a própria prática e/ou de colegas, organizam seminários, eventos e cursos com o intuito de contribuir com a formação do professorado, vão às ruas protestar e lutar por melhores condições de trabalho e por uma educação que atenda e dialogue com a sociedade contemporânea, clamam por justiça e melhores condições de vida, se solidarizam e tomam partido em prol da diferença como condição de existência. A partir do agenciamento por novas forças, elaboram currículos contra-normativos, criam novas cenas didáticas, extrapolam o imaginário, sabotam as verdades ilusórias de quem lucra com o sucateamento da educação e no tempo do agora estão a produzir uma didática-artística:

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

> O caráter experimental do trabalho pedagógico culturalmente orientado oferece condições para arriscar, ousar e transgredir, seja em relação aos conhecimentos postos em circulação, seja em relação às próprias situações didáticas [...] A didática-artista é a didática da diferença, da potencialização dos diferentes. Daí a importância de se atentar ao que acontece, aos possíveis efeitos, para agir em seguida (NEIRA, 2021, p. 184).

Partindo da proposta de Marcos Garcia Neira (2011) com a ideia de ensino/procedimentos didáticos, Mário Luiz Ferrari Nunes (2018) enunciando a proposta de encaminhamentos didáticos, seguido por Neira (2018) na passagem para situações didáticas, até Pedro Russo Xavier Bonetto (2021) quando propõe a ideia de virtualidades didáticas, cabe-nos as perguntas: quais seriam as possibilidades, a partir desse arrastão que o encontro com as leituras de Judith Butler nos propulsionou, de transmutação da ideia de situações didáticas para cenas didáticas? E na coalizão com as virtualidades didáticas, recentemente propostas?

As virtualidades didáticas surgem a partir da tese de doutorado de Bonetto (2021), com a proposição de 21 virtualidades das experiências *com* e *na* Educação Física cultural como dispositivos de sabotagem. Essa proposição radicaliza a aproximação com as filosofias das diferenças, rompendo com qualquer proposta de capturas identitárias, binárias, capitalísticas, representacionais, de criação de sujeitos e subjetividades ativas, produtivas, flexíveis para atender o mercado de trabalho. Há a intensificação do que já vinha sendo produzido na Educação Física culturalmente orientada, com a aposta no alargamento, na abertura, na solidariedade, nas alianças, na coletividade, nos afectos, no acontecimento, nas vivências, nas experimentações, no imprevisível, na possibilidade de criação, na contextualização, nos corpos e desejos em encontro.

> As virtualidades não dizem como as coisas devem ser ou como os professores e professoras devem fazer e agir. Antes, são fruto de experimentações do pensamento educacional cujo desejo foi romper com as práticas convencionais, tradicionais, disciplinares, burocráticas, homogeneizantes, mercadológicas e sustentadoras da axiomática capitalística. Virtualidades não são procedimentos nem princípios, não possuem uma ordem, *tampouco são originais.* As virtualidades formam pequenos discursos que abrem mão de se tornarem narrativas generalizantes, pois são fruto do encontro entre filosofias, teorias e conceitos específicos com a prática pedagógica da Educação Física cultural. As virtualidades foram criadas como forma de contribuir para a acontecimentalização da entidade currículo cultural, explorando-a a partir de outras criações, e indicam implicações pragmáticas das *esquizo*experimentações para a prática pedagógica culturalmente orientada (BONETTO, 2021, págs. 315-316).

Caminhando em aliança com as reflexões de Bonetto, entendemos essas experimentações no cotidiano da Educação Física cultural como a possibilidade de outros enquadramentos. A partir da relação entre corpos, arquiteturas, desejos e todo um conjunto de materialidades, renova-se a própria ideia do espaço público como um equipamento, pois ele é transformado na ação mesma desses corpos necessariamente em relação, reconfigurando os sentidos e as posições de aparição. Público aqui não é concebido a partir da dicotomia público-privado, nem na relacionalidade com

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

o Estado. Público, nesse contexto, é necessariamente algo relacional, onde se parte do encontro de corpos, de sujeitos que agem com e em determinado espaço-tempo. Nessa ação, a rua como espaço de aparição pública é um equipamento prostético utilizado pelos corpos, criando essas possibilidades outras de enquadramento, de experiências visuais, de cheiro, de toque, de movimento coletivo. O sentir na pele.

Aproximando essas reflexões dos conceitos butlerianos do chão da escola, é possível pensar que a aparição pública desses corpos-discentes, corpos-docentes, dos corpos que compõem a comunidade escolar, na ocupação mesma não só do espaço dessa instituição, mas também dos espaços da cidade, possibilitam a criação de novos enquadramentos, reconfigurando as situações didáticas como cenas didáticas. Se a produção e ressignificação das gestualidades é elemento primordial no componente curricular, é ele mesmo, na explosão desses novos aromas, gestos, do suor daqueles corpos em movimento, no corpo-discente no encontro com um corpo-texto, corpo-vídeo, que as zonas de reconhecimento vão se reconfigurando. A ação mesma das/os estudantes nas quadras e nos demais ambientes escolares, produzindo e reconfigurando as práticas corporais a partir de suas enunciações, das vivências, dos movimentos de discussão em situações de problematização, nos encontros possibilitados pelas situações de ampliação e aprofundamento, estariam alocadas nessas cenas didáticas, que se intercruzam nessas novas zonas de reconhecimento, em uma aposta radical de produção de sujeitos mais solidários, democráticos, que zelam e cuidam desses outros corpos precários, sempre em aliança, rompendo com as produções de corpos que não são dignos de luto, com as políticas de morte.

> Essas categorias, convenções e normas que preparam ou estabelecem um sujeito para o reconhecimento, que induzem um sujeito desse tipo, precedem e tornam possível o ato do reconhecimento propriamente dito. Nesse sentido, a condição de ser reconhecido precede o reconhecimento (BUTLER, 2019, p. 18).

É exatamente pela precariedade desses corpos que se tem uma cisão com a dimensão de identidade, pois se trata de uma proposta radical de alargamento das alianças e das relações. Esses corpos precários, desnudados em sua precariedade e aliançados nas ruas (e nos ambientes escolares), agiriam, a partir desse movimento, no espaço público, reformulando-o de maneira inesperada e imprevisível.

A performatividade (não apenas de gênero, mas de um corpo) sempre acontece no público. A aposta na performatividade se dá pela criação de cenas onde a interdependência é condição de existência, onde a coletividade é o que funda esse movimento de visibilidade e aparição que geram um enquadramento passível de outras zonas de reconhecimento. A cenas didáticas seriam, então, uma aposta nessa virtualidade fundamental dos currículos culturais, onde o coletivo, as mãos dadas com outros corpos precários, o cuidado e o zelo por uma outra vida que não é vista como passível de ser vivida, são não só priorizadas, como propulsionadas por essas próteses acopladas (AUGUSTO; NEIRA, 2021) no cotidiano escolar e no currículo.

> Tomar algo pela experimentação é um exercício, uma aposta, da ordem da invenção, da conexão e da criação. É desse ângulo que compreendemos a experimentação, como uma questão de **investigação coletiva**, de processos subjetivos de criação, de **agenciamentos, fortalecendo**

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

> **mutuamente** determinadas práticas por meio de estratégias inventivas, **exploradas em encontros** voltados a experimentações de cunho ético e estético, por fim, como um modo de compartilhar experiências de produção de conhecimento de uma configuração diferente daquelas tradicionais, ortodoxas e científicas. (BONETTO, 2021, p. 315, grifos nossos).

Esses corpos (discentes, docentes, da comunidade escolar) se tornam, assim, não só uma multidão de pessoas juntas, mas que, no momento mesmo em que estão ocupando aquele determinado espaço, se tornam um corpo interdependente. Essas cenas, compostas, produzidas e elaboradas por essa multidão de corpos precários, vão necessariamente ao encontro das virtualidades da Educação Física cultural, onde todas essas materialidades se tornam a possibilidade de colocar em ação os princípios ético-políticos[12] dessa proposta curricular. E quando docentes se afetam, aliançando-se iniciando uma empreitada de firmar o compromisso de colocar em ação a Educação Física cultural, cria-se a possibilidade de novos enquadramentos que poderiam levar para novas zonas de reconhecimento. Com relação às produções de cenas, as condições de ser reconhecido e os enquadramentos, Butler (2019, p. 143) explica que "Essa cena torna-se agora o objeto, e nós, mais do que dirigidos pelo enquadramento, somos dirigidos para ele com uma capacidade crítica renovada".

Essa gramática das ruas vem cada vez mais sendo disputada pelos sujeitos que reivindicam determinados direitos ou mesmo identidades (como, por exemplo, o Projeto de Lei que cria o Dia do Orgulho Hétero, que foi aprovado em primeiro turno em Cuiabá no final de 2021). É necessário compreender também esses mecanismos normativos que moldam o estar no mundo, e mesmo o reconhecimento desses corpos passam também por essas condições produzidas pelas normas. As cenas didáticas, então, surgem como esse mecanismo que possibilita entender a produção dessas normas, dessas linhas duras, localizar as chances de fissuras, movimento, sabotagem, e agir nelas, com elas e a partir delas. A *ação* é crucial nesse processo, já que as cenas são produzidas a todo momento. Ao tratar do princípio ético-político do reconhecimento do repertório cultural corporal da comunidade, por exemplo, Neira destaca seus riscos:

> O risco desse procedimento reside no fato de que o reconhecimento poderá se apoiar em categorias que são, em grande parte, elaboradas por quem está no poder e, por conseguinte, construídas à imagem dele. Uma forma de evitá-lo é incluir dentre as atividades leituras críticas da prática corporal, a fim de que as representações venham à tona e sejam problematizadas e desconstruídas (Neves, 2018). Nem sempre isso acontece, pois, às vezes, a temática abordada se encontra alinhavada aos setores majoritários e o contexto escolar acaba dificultando a expressão de

[12] Sem roteiro ou algo parecido, as pesquisas - disponíveis no site do GPEF - mostram que a definição da prática corporal a ser tematizada e as situações didáticas a serem organizadas a partir do encontro discente têm caráter bastante peculiar, isso porque as/os docentes são agenciadas/os pelos princípios ético-políticos: reconhecimento da cultura corporal da comunidade, articulação com o projeto político pedagógico, ancoragem social dos conhecimentos, descolonização do currículo, justiça curricular, rejeição ao daltonismo cultural e favorecimento da enunciação dos saberes discentes.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

> desconforto com o que está sendo dito, o que leva ao silenciamento e invisibilidade dos incomodados (NEIRA, 2018, p. 45-46).

Tais riscos existem, pois a composição das cenas didáticas é sempre na disputa das forças, em um arranjo produtivo a partir de normativas, sempre e necessariamente com contestações e resistência. Essas disputas pressupõem um determinado espaço-tempo. A temporalidade, nesse sentido, é fundamental para compor a proposta de aliança, das multidões queer, pois esse tempo compõe a cena do reconhecimento, que também é composta de linhas duras e de normas.

No momento em que os corpos ocupam o espaço público, eles entram em aliança, de maneira que a rua, então, se transforma nesse equipamento público que permite a aparição e reconhecimento desses corpos e de suas demandas. Assim, a dimensão propositiva de cenas didáticas se torna potente às virtualidades dos diversos fazeres desses currículos culturais da Educação Física, pois não se pressupõe propostas totalizantes, descontextualizadas, impositivas, mas sim entendidas a partir daquela composição de materialidades - arquitetura escolar, corpos que ocupam aquele cenário, práticas corporais tematizadas, enunciações discentes, investigações, olhares, movimentos corporais, tudo compondo aquela cena. É na cena mesma em que o professorado atua em aliança com o corpo discente para produzir outras dinâmicas das práticas corporais, que as virtualidades são possíveis, a partir desse jogo prostético de repetição que difere.

A temporalidade que permite pensar essa cena é onde o sujeito relata a si mesmo e começa a se reconhecer e ser reconhecido a partir daquele momento específico, sendo essa a cena do reconhecimento. Assim, as cenas didáticas se formulariam como esses potenciais momentos em que esses corpos (que, pela normatividade social, são generificados) se reconheceriam e seriam reconhecidos fora dessa zona de corpos não passíveis de luto, sem nenhuma garantia de que essa produção da inteligibilidade será para sempre, pois os efeitos são efêmeros e imprevisíveis. As cenas se constituem como micropolíticas, apostas, possibilidades, em um movimento que não é novo para a Educação Física cultural, tendo em vista que ela se transmuta a cada produção docente, a cada afetação por novas forças, se constituindo necessariamente por constantes aberturas a novas veredas. Coadunando com Augusto e Neira (2021) sobre a proposição de que determinadas próteses curriculares permitiriam uma abertura contrassexual às práticas docentes, entendemos que as cenas didáticas seriam mais uma aposta prostética, que poderia permitir novas zonas de reconhecimento.

CENA 4 - PARA SEGUIR PENSANDO

Devir. Movimento. Imprevisibilidade. Possibilidades. Imprevistos. Alianças. Encontros. Experiências. Ação. Disputa por sentidos. Resistência. Sabotagem. Os currículos culturais da Educação Física são necessariamente plurais, pois emergem da artistagem docente, sem protocolos, sem propostas fechadas. A aposta é na abertura, no alargamento, e nesse movimento de constantes mudanças os/as docentes que afirmam colocar essa perspectiva curricular em ação vão tecendo novas veredas e reconfigurando o que vem sendo a Educação Física cultural.

Nessas andanças, nos encontramos com os estudos de Judith Butler e a epistemologia da Educação Física culturalmente orientada. O que nos levou a pensar nas cenas, nas condições de ser reconhecido, nos enquadramentos e nas normas que geram toda uma maquinaria de produção de subjetividades, foi a explosão de novos sentidos a partir desses encontros. Compartilhando do

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

interesse em pensar uma pedagogia engajada, contra-normativa e que rasure as heternomatividades sociais, nos aventuramos na proposta de reapropriar o termo *situação* para *cena*. Isso porque é no interior de uma cena que a possibilidade de ser reconhecido, ou não, acontece. Ainda que a *situação* nos coloque na condição de ação - *estar* e não *ser* - talvez a cena seja um elemento potencializador do que vem sendo feito dos currículos culturais da Educação Física para a produção de novas zonas de reconhecimento. Em outras palavras: as normas estabelecem as condições de ser reconhecido, criando os esquemas de inteligibilidade que condicionam, produzem e afirmam as próprias normas regulatórias; os enquadramentos são as tramas que envolvem a cena e sua produção de sentidos; e a cena se constitui enquanto ato/gesto/ação, uma captura do momento em que há a abertura para a sabotagem através de próteses curriculares que possibilitam isso. Essas andanças curriculares não começam agora e não param por aqui. Procedimentos didáticos, encaminhamentos didáticos, situações didáticas, virtualidades didáticas, cenas didáticas…

Performatividades curriculares, didáticas e pedagógicas produzidas a todo o tempo: quando chegamos na escola e somos recebidas/os por funcionárias/os e estudantes; quando nos dispomos em uma reunião pedagógica a apresentar os registros das tematizações em andamento; quando convidamos familiares a adentrarem a escola; quando nos deparamos com imprevistos e temos que agir; quando estabelecemos parcerias de trabalho; quando abrimos a aula para o impensável; nos encontros com os discentes. É sempre e necessariamente na relação, no encontro com outros corpos, cheiros e texturas.

O que surge a partir da proposta da reconfiguração de *situações* para *cenas* didáticas? Deixamos aberto o campo da enunciação para que novas pesquisas, novas tematizações e novos encontros apontem, ou não, para os possíveis efeitos da aposta aqui realizada.

DIÁLOGOS COM

AUGUSTO, C. N. Estudos feministas e Educação Física cultural: possíveis entrecruzamentos. 2021. 121f. **Relatório de Pesquisa**. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, São Paulo, 2021.

AUGUSTO, C. N; NEIRA, M. G. (Um) Currículo cultural contrassexual? Movimentos que possibilitam corpos em trânsito. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** [online]. 2021, v. 43

BONETTO, P. X. R. **Esquizoexperimentações com o currículo cultural de Educação Física.** 2021. 336f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

BUTLER, J. Alianças queer e política anti-guerra. **Bagoas**, n. 16, Natal, RN, UFRN, 2017, p. 29-49.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: Quando a vida é passível de luto? Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha, revisão de tradução de Marina Vargas, revisão técnica de Carla Rodrigues. 3ª ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, J. Política de gênero e o direito de aparecer. In: BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1. ed. Tradução: Fernanda Siqueira Miguens. Revisão técnica Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17˚ ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

ISSN 2763-7603 - Publicação Online

DUARTE, L. C.; NEIRA, M. G. Currículo cultural da Educação Física: a produção de uma pedagogia engajada. **Humanidades & Educação**. Palmas. v.7, n.8. p. 282-300, mar. 2020.

NASCIMENTO, A. S. Queerizando o currículo cultural de Educação Física: contribuições epistemológicas butlerianas, queer e afetações pandêmicas para a criação de novas inteligibilidades sociais. 2021. 126f. **Relatório de Pesquisa**. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

NEIRA, M. G. A didática-artística da educação física cultural. In: MARCASSA, L. P.; ALMEIDA JÚNIOR, A.; NASCIMENTO, C. P. (Orgs.) **Ensino de educação física e formação humana**. Curitiba: Appris, 2021.

NEIRA, M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011. (Coleção: A reflexão e a prática do ensino)

NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**: inspiração e prática pedagógica. 2º ed. Jundiaí: Paco, 2019.

NUNES, M. L. F. Planejando a viagem ao desconhecido: o plano de ensino e o currículo cultural de Educação Física. In: FERNANDES, C. (Org.) **Ensino Fundamental –** planejamento a prática pedagógica. Curitiba: Appris, 2018.

OLIVEIRA. G. N. B; NEIRA, M. G. Contribuições Foucaultianas para o debate curricular da Educação Física. **Educação em revista**. Belo Horizonte. v. 35, e198117. 2019.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3. ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.